

Prévia do Caderno de Campo – Estágio II

Este caderno de campo está sendo gerado na experiência, entre encontros, escutas e afetos vividos com uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal de Manaus. Ele surge como tentativa de registrar não apenas o que se vê, mas sobretudo o que se sente. Como afirma Larrosa (2002), experiência é aquilo que nos atravessa e nos transforma. E é com esse espírito que escrevo: permitindo-me ser afetada.

Logo no início do estágio, em um encontro com Adriana Rios, fomos provocados a pensar: onde estou? e qual é a minha corporeidade. Essas perguntas seguem reverberando em mim enquanto caminho pela escola, observando os corpos em movimento: dos alunos, professores e o meu próprio. O convite feito à escuta do corpo e à poética do cotidiano me leva a enxergar o trabalho docente para além da rigidez, do controle e da fixação pela ordem. Escutar o corpo é também um gesto de cuidado e resistência frente às lógicas que nos robotizam. Aprender a trabalhar com as infâncias exige sensibilidade, escuta e presença. Com o outro e conosco. A escola onde ocorre o estágio se apresenta como uma instituição com propostas democráticas e inclusivas: realiza assembleias com participação ativa dos alunos, valoriza a escuta, promove oficinas diversas e investe em um projeto de vida que trabalha com valores como empatia e protagonismo. A escola também se abre à comunidade e aposta em tutorias e formação contínua dos profissionais. Contudo, ao adentrar a sala de aula, percebi contrastes entre o discurso institucional e algumas práticas cotidianas. Observei um ensino mecânico, distanciado das propostas da escola, e uma relação difícil entre a professora e uma criança neuroatípica, que era silenciada por gritos e ameaças. Em um momento, a pedagoga foi chamada para intervir, segurando e retirando a criança da sala com rigidez. Senti tristeza e inquietação: por que tanta fixação em silêncio e obediência?

Essa inquietação me levou a lembrar das reflexões de Foucault (1987), que nos alerta sobre como a escola pode funcionar como um espaço de vigilância e domesticação dos corpos, onde a disciplina se impõe em nome da ordem. Vi essa lógica presente nos gritos, no controle, na tentativa de apagar a singularidade daquela criança. Me pergunto: estamos formando ou apenas normalizando?

Em outra aula, de filosofia, o professor mostrou pouco acolhimento frente à ausência de cadernos, cobrando posturas que parecem desconsiderar o contexto das crianças. Acredito que ele tenha percebido minhas expressões de incômodo e então ele se justificou dizendo que não sabia lidar com crianças e que hoje usam a desculpa de doenças para serem permissivos com elas. Não consegui reagir naquele momento, mas sigo refletindo. Como nos lembra Larrosa (2002), a formação não é sobre reproduzir discursos, mas sobre deixar-se afetar, ser tocado por aquilo que nos desafia. E fui tocada.

Apesar dessas experiências desagradáveis, também vivi momentos doces. Em um dia de reunião, fiquei sozinha com a turma. As crianças me perguntaram o que faríamos e eu disse que NADA. Um silêncio de surpresa surgiu, aqueles pequenos corpos não possuem espaço para o ócio. Logo vieram os pedidos de papel para desenhar e fazer dobraduras. Fizemos barquinhos, rabiscos e corações. Ali não havia controle, mas presença.

Ganhei minha primeira cartinha. Nela, uma aluna me desenhou ao lado dela, com um coração no meio. Guardei com carinho. Como nos diz Manoel de Barros, é no desimportante que mora a poesia. Aquilo que parecia ser só um intervalo virou um encontro potente. Os barquinhos de papel navegaram por entre afetos, e a cartinha me lembrou que a docência também é feita desses gestos pequenos, mas cheios de sentido.

Esse gesto simples me devolveu a certeza de que estou trilhando um bom caminho. Este caderno será a tentativa de poetizar essas vivências tensas, mas também ternas e de escrever uma formação que se faz com o corpo inteiro, em movimento, aberta ao toque da infância. Como afirma Adriana Rios, é preciso permitir-se ser corpo sensível na escola. E eu, hoje, escolho caminhar com as crianças e com a poesia, mesmo quando o mundo grita por controle.